



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

EUGÊNIA FARIAS DA SILVA FILHA ANDRADE

**LITERATURA DE CORDEL: A variedade linguística do povo nordestino na obra
“cante lá que eu canto cá” de Patativa do Assaré.**

Presidente Dutra - MA

2020

Andrade, Eugênia Farias da Silva Filha.

Literatura de cordel: a variedade linguística do povo nordestino na obra “Cante lá que eu canto cá” de Patativa do Assaré / Eugênia Farias da Silva Filha Andrade. – Presidente Dutra, MA, 2020.

38 f

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, Universidade Estadual do Maranhão, 2020.

Orientador: Profa. Esp. Carliane Miranda Carneiro Aguiar. 1.Literatura de cordel. 2.Variedade linguística. 3.Patativa do Assaré. I.Título.

CDU: 821.134.3(81)-91

EUGÊNIA FARIAS DA SILVA FILHA ANDRADE

**LITERATURA DE CORDEL: A variedade lingüística do povo nordestino na obra
“Cante lá que eu canto cá” de Patativa do Assaré.**

Monografia apresentada ao Curso de Letras
Português da Universidade Estadual do
Maranhão-UEMA, Centro de Estudos
Superiores de Presidente Dutra/CESPD como
pré-requisito para obtenção do título de
Licenciado em Letras.

Orientador(a): Carliane Miranda

Presidente Dutra - MA
2020

EUGÊNIA FARIAS DA SILVA FILHA ANDRADE

**LITERATURA DE CORDEL: A variedade linguística do povo nordestino na obra
“Cante lá que eu canto cá” de Patativa do Assaré.**

APROVADA EM: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR

EXAMINADOR 1

EXAMINADOR 2

Dedico esta monografia primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia. Aos meus pais, meu esposo e a meus filhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela proteção e capacidade em todos os momentos de minha jornada, a minha mãe por cuidar de meus filhos enquanto eu estudava e a meu pai por ser a fonte de toda minha inspiração, ao meu esposo pela confiança depositada em mim e pelo incentivo diário, aos meus filhos razão do meu viver.

Não poderia esquecer dos amigos que a Faculdade me presenteou, desde o vigia até os colegas de classe, todos tiveram significativa parcela de contribuição para que eu chegasse até aqui, por diversos momentos pude sentir-me segura e acolhida por cada um deles, à professora Carliane Miranda por me orientar e a Francione Lima Belfort pelo carinho e dedicação, mesmo não fazendo mais parte do corpo docente da UEMA, ajudou-me no processo de orientação do meu trabalho, nunca esquecerei, a todos os demais professores que a UEMA me proporcionou desde o primeiro período até o último. Enfim, meu abraço e carinho a todos!

*“Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu. ”*
(Fernando Pessoa)

RESUMO

Originária de Portugal, a literatura de cordel desde meados do século XVI representa a história em versos e cantigas, juntamente com a variedade linguística tem enfrentado constantes desafios, dentre alguns temos a importância da língua materna enquanto meio de comunicação, no entanto, a cada nova investigação confirma-se a necessidade de incorporação de ambas na cultura brasileira. Representada na obra “Cante lá que eu canto cá” de Patativa do Assaré tem como principal objetivo a valorização do dialeto regional, bem como a importância dele para a cultura. Nesse trabalho pretende-se identificar através do uso da língua materna as variações decorrentes do linguajar, das práticas e hábitos culturais, além de sua importância para a construção sociocultural, analisando através da obra a linguagem e as principais formas de expressão usadas pelo autor. A pesquisa bibliográfica foi uma das principais ferramentas para o acúmulo de material e recolhimento de dados, servindo de base indispensável para a concretização do assunto abordado. Alguns autores como Marcos Bagno, Marcia Abreu, Ana Cristina e Antonio Gonçalves foram essenciais na elaboração desse estudo.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Variedade linguística. Patativa do Assaré.

ABSTRACT

Originating in Portugal, cordel literature since the discovery of the 16th century represents history in verses and songs, along with the linguistic variety has faced constant challenges, some of them have the importance of the mother tongue as a means of communication, however, with each new investigation confirms the need to incorporate both into Brazilian culture. Represented in the work “Sing there that I sing here” by Patativa do Assaré has as main objective the valorization of the regional dialect, as well as its importance for the culture. This work intends to identify through the use of the mother tongue as a consequence of language, cultural practices and habits, in addition to its importance for the socio-cultural construction, analyzing through the work the language and as the main forms of expression used by the author. Bibliographic research was one of the main tools for the accumulation of material and data collection, serving as an indispensable basis for the realization of the subject addressed. Some authors such as Marcos Bagno, Marcia Abreu, Ana Cristina and Antonio Gonçalves were essential in the preparation of this study.

Keywords: Cordel literature. Linguistic variety. Assaré's Patativa

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Imagens de folhetos de cordel pendurados em barbantes.

FIGURA 2: Folhetos de cordel.

FIGURA 3 : Museu casa da xilografia em Campos do Jordão.

FIGURA 4: J. Borges produzindo xilogravura.

FIGURA 5: Família de retirantes nordestinos.

FIGURA 6: Casa de Patativa do Assaré.

FIGURA 7: Patativa do Assaré na casa onde morava.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PERCURSO HISTÓRICO DA LITERATURA DE CORDEL	13
2.1 O cordel como expressão da cultura nordestina.....	16
2.2 A Xilogravura na Literatura de Cordel.....	19
3 PATATIVA DO ASSARÉ: VIDA E OBRA	22
3.1 Algumas poesias que retratam a vida de Patativa do Assaré.....	26
4. A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLINGÜÍSTICA PARA A VALORIZAÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL	32
4.1 A variedade linguística do povo nordestino representada na obra “CANTE LÁ QUE EU CANTO CÁ”.....	34
5. CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a variedade linguística do povo nordestino através da literatura de cordel na obra, “Cante lá que eu canto cá” de Patativa do Assaré. Originária de Portugal o cordel chegou ao Brasil por meio dos portugueses no século XVIII fazendo do nordeste seu principal ponto de referência. Tendo em vista a diversidade cultural nos deparamos com diversos estilos porém ainda há uma certa resistência em relação a esse gênero que em sua essência traz a história de um povo em condições controversas às da elite social.

De grande importância para a valorização da identidade cultural, abrange desde o modo de falar até os costumes regionais, tais como o uso do dialeto as crenças e costumes inseridos no folclore sertanejo.

Os folhetos por conseguinte também fazem parte dessa consolidação, além de fonte de informação e entretenimento, são ligados diretamente à poesia popular ajudando a construir o cenário cultural. Interligada aos dois, a xilogravura tem papel fundamental, servindo de fonte de inspiração no decorrer da disseminação dos folhetos e posteriormente retratando as vivências do sertanejo através de cores e imagens. Logo o estudo da literatura de cordel juntamente com o preconceito linguístico aborda nesse estudo a luta pela valorização da língua enquanto meio de comunicação.

Visto que a desvalorização do vocabulário nordestino é evidente, esse estudo não só analisa as formas de contribuição da sociolinguística para o linguajar regional como também expressa o valor da cultura popular frente aos desafios impostos pela sociedade no que tange o desprestígio dessa variante. A partir da análise deste núcleo de pensamento alguns autores como Ana Cristina, Molica, Marcos Bagno e Patativa do Assaré foram essenciais para a construção desse entendimento.

Para tanto buscou-se compreender a função social da literatura de cordel juntamente com a variedade linguística regional, visto que um dos problemas atuais enfrentados pelo nordestino é a desvalorização da fala, em seguida identifica-las na obra “*Cante lá que eu canto cá*” fazendo uso do gênero textual literatura de cordel. Resgatar a importância dos valores inseridos em cada camada social, em específico as desprestigiadas pelo modo de falar, torna-se de grande relevância fortalecer a necessidade de acelerar o entendimento e as possibilidades de mudanças que podem servir de base para outros estudos.

A elaboração deste trabalho, a princípio foi realizada partindo de uma pesquisa bibliográfica visando melhor conhecimento do assunto abordado, através de estudos de artigos científicos, blogs e obras que tratam o tema foco da pesquisa. Diante da realidade linguística existente em nossa sociedade e da participação ativa do homem enquanto indivíduo dotado de

experiências quanto ao uso da língua em seu grupo pretende-se investigar a realidade linguística partindo dessa vertente.

No primeiro capítulo é abordado o percurso histórico da Literatura de Cordel, desde sua origem até a chegada no Brasil, como ela se perpetuou no nordeste e como as mudanças relacionadas ao vocabulário nordestino influenciaram no seu posicionamento. Com isso pretende-se investigar os elementos estruturais desse cenário, em específico aqueles que desprestigiam o dialeto regional, para isso tem-se a xilogravura e os folhetos de cordel retratando através de imagens o sertão brasileiro.

No segundo capítulo como a poesia faz parte da tradição nordestina, cada uma dando sua contribuição e criando laços cada vez mais fortes para a transmissão do conhecimento e valorização da língua, expressando o valor da cultura popular, as transformações que ela pode causar e como o processo de transformação favorece o indivíduo.

Logo após, ver-se um estudo sobre a vida e obra de Patativa do Assaré, como suas poesias impactaram a literatura, e quão favorável se tornaram para a construção do cenário literário nordestino, mostrando a importância da língua materna para a preservação da identidade cultural. Em vista dos argumentos apresentados, esse trabalho é de grande importância, portanto pesquisas nesse sentido são imprescindíveis.

2 PERCURSO HISTÓRICO DA LITERATURA DE CORDEL

Segundo Priscila Melo (2014), a literatura de cordel tem sua origem em Portugal desde o século XVI, diante do romanceiro do Renascimento surge seus primeiros vestígios, que através dos trovadores medievais passou a revelar-se de forma dinâmica, tomando espaço até a Idade Contemporânea, introduzida no Brasil através dos portugueses, teve como referência histórica o nordeste onde se perpetuou até os dias atuais.

Recebeu esse nome porque os folhetos eram tradicionalmente expostos para venda, pendurados em barbantes, cordas ou cordéis, vindos de relatos orais, seu principal objetivo era contar histórias e fatos reais do cotidiano para a população que em sua maioria era analfabeta, com o passar do tempo o gênero popular se expandiu e folhetos começaram a ser produzidos e comercializados em feiras e praças não só do nordeste, mas de todo o Brasil.

O cordel é um gênero textual popular, escrito normalmente na forma de rima. Aqui no Brasil a tradição de pendurar os folhetos em cordas não ganhou popularidade apesar de ter herdado o mesmo nome usado em Portugal. Segundo Larissa Teixeira (2008), observamos que:

Apesar de alguns estudiosos relacionarem os folhetos nordestinos com os cordéis portugueses, esse gênero de poesia não foi criado em Portugal. Há indícios de várias formas de literatura, em vários locais do mundo, dos tempos da Grécia Antiga, passando pela Idade Média até chegar à contemporaneidade (TEIXEIRA, 2008, p.12).

Ainda que várias teses tenham surgido em relação à origem do cordel, em algumas poesias é possível encontrar relatos de seus primórdios, veja a seguir:

De que nos fala a História.

*Era esse o tempo das gestas
Dos cavaleiros andantes,
E essa poesia rude*

*Dos bardos itinerantes
Foi trazida para a América
No bojo dos navegantes.*

*Essa poesia foi
Cantada pelos jograis,
Celebrando os grandes feitos
Dos heróis medievais,
E também falando sobre
Romances sentimentais.*

*E quando começa o ciclo
Das Grandes navegações
De Portugal e da Espanha,
As antigas tradições
Vão se acomodando aos poucos
Pelas novas possessões.*

(TRECHO DO FOLHETO: O CORDEL; SEUS VALORES,
SUA HISTÓRIA de Marco Haurélio e João Gomes de Sá).

Tendo em vista a virada do século XIX para o século XX, o Brasil passou por grandes mudanças socioeconômicas, essas por sua vez afetaram as pessoas de baixa renda que viviam na zona rural, a crise em que atravessavam atingiu diretamente o modo de vida deles, sendo assim necessário migrar para as cidades em busca de melhorias, entre os imigrantes era possível encontrar poetas populares carregados de histórias que traduziam expectativas em relação ao futuro e ao mesmo tempo vinculados ao modo de vida dos antepassados.

As pessoas pouco letradas, com maioria semi-analfabetos começaram a produzir folhetos de fácil leitura e acesso retratando não só a vida sofrida, mas também a realidade em grande parte nordestina de indivíduos à margem da sociedade, esses folhetos caíram no gosto do povo e logo a literatura de cordel passou a agradar as famílias, grupos sociais e também poetas e escritores de todo o país. Segundo Ana Cristina Marinho (2012), temos:

O folheto vai para as ruas e praças e é vendido por homens que ora declamam os versos, ora cantam em toadas semelhantes às toadas pelos repentistas. São nordestinos pobres e semi-alfabetizados que entram no mundo da escrita, das tipografias, da transmissão escrita e não apenas oral. A poesia popular, antes restrita ao universo familiar e a grupos sociais colocados à margem da sociedade (moradores pobres de vilas e fazendas, ex-escravos, pequenos comerciantes etc.), ultrapassa fronteiras, ocupa espaços outrora reservados aos escritores e homens de letras do país (MARINHO, 2012, p.18).

Ao contrario do Brasil, em Portugal o cordel era lido por pessoas de classe média, alguns advogados, médicos e professores. Eram versados para o público e muitas vezes transformavam-se em peças teatrais, já no Brasil foram reproduzidos e expostos para a massa popular, a princípio a produção ainda não estava definida, mas com o passar do tempo começaram a surgir as tipografias, que eram vendidas pelos próprios autores os quais posteriormente criaram outras formas de distribuição facilitando a comercialização e divulgação dos folhetos.

Um dos principais divulgadores não só através das vendas, mas também de sua “Livraria Popular Editora” criada em 1913, foi Leandro Gomes Barros. Abaixo um poema de Antônio Américo de Medeiros citado na obra de Ana Cristina e Helder Pinheiro narrando a magnificência dele:

*Leandro que não cantava
diariamente escrevia
publicando os seus folhetos
foi crescendo dia a dia.
Criou o revendedor
que de feira em feira vendia.*

*Aqueles revendedores,
vendendo de feira em feira,
os folhetos de Leandro
cobriram toda ribeira,
do litoral ao sertão,
foi de fronteira a fronteira.*

(MARINHO, 2012,p.23).

Leandro Gomes Barros era poeta popular e sustentava a família através da venda de obras que logo ficaram popularmente conhecidas expondo a trajetória da história do cordel, contudo mesmo já existindo a literatura de cordel foi ele quem deu início à edição dos primeiros folhetos recheados de histórias de um povo bastante singular na maneira de ser e viver. Abaixo vemos em versos a importância de Leandro para o cordel brasileiro:

*Leandro Gomes então
Foi o grande pioneiro
Na publicação de versos
Por este Brasil inteiro
Nasceu lá na Paraíba
Este vate brasileiro.*

-Usando o canto guerreiro
 Da Gesta Medieval
 Antigas lendas Ibéricas
 Contos de fada, afinal,
 Foi arte magistral.

(AZULÃO- CANTADOR/DECLAMADOR)

Vale ainda ressaltar a grande importância da literatura de cordel para a valorização do folclore brasileiro e regional, diante desse fenômeno popular ficam visíveis marcas do povo nordestino. Como as outras literaturas, o cordel agrada não só o imaginário adulto, mas também o infantil e juvenil, através do humor e da fantasia de forma marcante alcança todo o universo literário, porém, com o tempo foi se adequando aos acontecimentos vivenciados pela sociedade e passou a ser instrumento de reivindicação e denúncia social.

Hoje diferente de tempos atrás a literatura de cordel está bem mais acessível, através das redes sociais é possível ter acesso ao gênero literário de característica marcante e regional. Nisto, ela passa a ser muito mais do que poesia, e entra para a história brasileira como fonte de informação e entretenimento, enriquecendo e valorizando a cultura de um povo marcado pela desigualdade social. Em suma, o cordel é arte que dá vida não só às pessoas letradas, mas também a muitos que não tiveram a oportunidade de desfrutar o mundo das letras.

2.1 O Cordel como expressão da cultura popular nordestina.

O cordel como identidade cultural, nada se distancia do real, a capacidade de reconstruir a comunicação, sobretudo de apresentar um conjunto de múltiplas combinações faz desse gênero uma marca registrada do povo nordestino. Evidentemente os folhetos tiveram grande contribuição para a disseminação e valorização da cultura popular.

Caracterizada pela forma e expressão, desde a chegada ao nordeste passou a retratar de forma clara e poética a vida daqueles indivíduos arraigados em costumes e tradições. Diante da abrangência em relatar fatos do cotidiano logo ficou popularmente conhecida, as características se adequaram aos nordestinos, eles viam as vivências, histórias e o folclore retratados e registrados em versos e poesias de linguagem fácil e acessível que se transformavam nos folhetos. Segundo Gizelia Ferreira da Silva (2015), em seu artigo:

O cordel, enquanto artefato cultural resguarda em seus versos o saber popular construído no cotidiano, onde homens e mulheres desenvolvem práticas sociais e compartilham valores culturais edificando suas identidades. Frisamos que o cordelista, ao compor suas narrativas, expõe a sua percepção/concepção de mundo, a qual é partilhada por outros membros do grupo social a que pertence. O mesmo utiliza uma linguagem do/para o povo, fazendo-se compreender, utilizando termos coloquiais, os quais conferem as narrativas um caráter de informalidade. Esta característica facilita o entendimento da informação, veiculando uma imbuída de significados, a qual fortalece a identidade da coletividade. (FERREIRA,2015, p.27)

Caracterizada como cultura popular nordestina, a literatura de cordel atravessa o imaginário e se concretiza na realidade e representatividade de um povo culturalmente rico na forma de expressar-se, pois trazem facetas linguísticas que permitem não somente através da escrita, mas também da oralidade que é a principal marca de expressão deles, transmitir humor, ficção, religiosidade e fatos reais. Roque de Barros Laiara (2011, p.55), aponta que para que a cultura se estabeleça e seja introduzida no indivíduo ela “depende de símbolos”.

Evidentemente o cordel é expressivamente em sua essência, carregado de símbolos. Partindo desse pressuposto ele utiliza-se de diversas formas de expressão para refletir-se através de elementos que compõem a imagem descritiva do nordestino. De acordo com Raymundo José da Silva (2014, p. 23) indícios apontam que os folhetos de cordel surgiram na Paraíba, em virtude desse fato vários poetas destacaram-se pelas produções literárias, expressas nos folhetos que mesmo com a chegada e disseminação da tipografia, não perderam a essência.

No entanto, os folhetos de Literatura de Cordel ainda que simples na estética apresentam arte e cultura, embora não haja restrições temáticas, a produção sempre esteve fortemente ligada à realidade social e cultural na qual inserem-se os poetas e público. Desse modo, a subsistência de ambos é de fundamental valor para que as gerações futuras possam compreender um pouco mais sobre a identidade e criação dos símbolos existentes nos folhetos, por fim diante de tamanha importância faz-se necessário a preservação deles.

Figura 1: Imagens de folhetos de cordel pendurados em barbantes.



FONTE: <https://www.nexojornal.com.br>

Diante da trajetória dos folhetos de cordel, é notório a resistência tanto no formato quanto no estilo de serem expostos, ainda que em diversos lugares possam ser encontrados em cima de mesas ou em prateleiras, o tradicional folheto não perde as origens e mesmo com o passar do tempo ainda é pendurado em cordão.

FIGURA 2: Folhetos de cordel



FONTE: <https://www.nexojornal.com.br>

A riqueza de detalhes contida neles, a expressividade nas imagens, e ao mesmo tempo o modo rústico expresso nas capas, valorizam ainda mais a cultura popular nordestina, os fatores tornam-se indispensáveis devido à forma como a notícia chega até o leitor. Logo o posicionamento do poeta em relação à notícia nos folhetos de cordel, apresenta diversas facetas que o singulariza e ao mesmo tempo amplia um leque de possibilidades favorecendo a elaboração e clareza nos versos.

2.2 A xilogravura na literatura de cordel.

De acordo com o dicionário CALDAS AULETE, Lexikon (2012,p.901) Xilogravura é “a arte de gravar em relevo sobre madeira”. De grande importância, ela é de origem oriental, os chineses, a mais de mil e quinhentos anos já faziam uso dessa técnica, evidentemente ela foi um importante meio de comunicação antecedendo a escrita, era pintada manualmente e por isso exigia muita técnica.

No entanto servia para diversos fins, dentre eles estão, cartas de baralho, impressão de dinheiro, estampa em tecidos, entre outros. Nada se pode provar documentalmente falando sobre a influência dos índios no que tange essa técnica, porém, indiscutivelmente a história deixa-nos inteirados de que os índios faziam uso dessa técnica. Numa de suas obras Antônio Costella comenta que:

Segundo antigos relatos de viajantes, foi possível constatar em várias tribos o emprego de matrizes de madeira para imprimir, com tinta, desenhos ritualísticos na pele do corpo humano e, mais raramente, para estampar peças de indumentária. Mais de duzentas tribos indígenas, comprovadamente, utilizaram-se dessa técnica, destacando-se pela destreza artesanal e pela variedade de modelos, os canelas, os apinajés e os xavantes. (COSTELLA,2003, p.50).

Mesmo com os avanços tecnológicos do século XX, a xilogravura ainda hoje tem espaço na arte, sem deixar de ser produto cultural e simbólico, contribuindo para a valorização histórica da própria origem. É notório que a técnica caiu em desuso como processo de impressão, no entanto ainda hoje existem pessoas apaixonadas pela arte milenar

que mesmo demodo rústico, ainda tempúblico culturalmente ativo, ligado a elementos decorrentes de antepassados.

A chegada dos portugueses ao Brasil ocasionou a proliferação, principalmente nas regiões norte e nordeste, onde a alta taxa de analfabetismo dificultava o acesso a diversas informações. É sabido que desde os primórdios da civilização humana a ela já fazia parte da comunicação, é possível encontrar registrosexpostos dessa arte aqui no Brasil, em Campos do Jordão, existe um museu com os mais variados tipos de xilogravuras representadas por mais de mil artistas. Isso demonstra o real valor dessa arte para a cultura do povo brasileiro, a identidade talhada em madeira e eternizada em quadros e folhetos de cordel.

FIGURA 3: Museu casa da xilografia em Campos do Jordão.



FONTE: <https://www.casadaxilogravura.com.br>

Diante da grande importância da xilogravura para a cultura brasileira, entende-se que os valores e ideias repassados por ela ajudou a construir e organizar a identidade brasileira, em específico, a nordestina. A criação dos folhetos de cordel produziu importante significado, pode-se afirmar que o processo é uma espécie de carimbo e que a madeira é o principal objeto de fabricação, a seguir veremos que:

Os xilógrafos utilizam apenas um canivete ou faca doméstica bem amolados.

Em toscos pedaços de madeira, o artista popular nordestino construiu a mais rica e instigante expressão plástica da cultura brasileira. De pouca leitura, o artista usou a técnica milenar da xilogravura para retratar o seu mágico universo, onde anjos se misturam com demônios, beatos com cangaceiros, princesas com boiadeiros, todos envolvidos nas crenças, esperanças, lutas e desenganos da região mais pobre do país. (blog do JeffCelophane,2010).

Além dos meios visuais que ela proporciona, é válido ressaltar a valorização da imagem e dos efeitos presentes nos folhetos e estampados em belas obras ligadas à riqueza popular, extraídos do sertão árido e do cenário castigado pela seca tem-se combinações de imagens que transmitem beleza e representatividade cultural.

Figura 4: J. Borges produzindo xilogravura



Fonte: <https://br.pinterest.com/celiacgds/xilogravura-l-j-borges-pe-l-brasil/>

A imagem que se vê de um homem talhando um pedaço de madeira é de João Borges que, segundo a Enciclopédia Itaú Cultural é um dos mais conhecidos xilógrafos brasileiros, ele também faz cordel, mas foi na arte da xilogravura que marcou seu legado alcançando todo o território nacional e internacional.

Figura 5: Família de retirantes nordestinos



Fonte: <https://br.pinterest.com/celiacqds/xilogravura-l-j-borges-pe-l-brasil/>

Vários aspectos caracterizam o Nordeste como uma terra de difíceis condições de vida, a seca, fome e miséria sempre foram sinônimos do povo nordestino, a constante fuga por condições melhores marcaram a história deles. Graciliano Ramos em uma de suas obras “Vidas Secas” descreve a condição humana, como o homem sertanejo tenta sobreviver dia após dia, com a incerteza do que virá a seu favor. A xilogravura “Mudança de Sertão” de J. Borges retrata uma família migrando em busca de condições favoráveis para a sobrevivência, um comportamento espontâneo e cabível.

3PATATIVA DO ASSARÉ: Vida e obra

De acordo com a obra “Cante lá que eu canto cá” que tem como subtítulo *Filosofia de um trovador nordestino*, Antônio Gonçalves da Silva, popularmente conhecido como Patativa do Assaré, nasceu em 5 de março de 1909 num sítio chamado Serra de Santana próximo à

cidade de Assaré. Filho de agricultores, também trabalhou na lavoura, mesmo com a perda de seu pai e da visão do olho direito, que infelizmente aconteceu ainda quando criança, mesmo diante de vários obstáculos não mediu esforços e ao lado de seu irmão mais velho ajudou a sustentar a família que vivia em extrema pobreza.

Pouco frequentou a escola, no entanto os quatro meses que lhe foi concedido pelas circunstâncias da vida rendeu não só o conhecimento das palavras, mas também o amor pela poesia. Patativa do Assaré (2012), sobre sua vida, informa que:

Com a idade de doze anos, frequentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Saí da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não frequentei mais escola nenhuma, porém sempre lidando com as letras, quando dispunha de tempo para esse fim. (ASSARÉ, 2012, p.15).

Diante da representatividade, Patativa do Assaré caracteriza-se como mestre da literatura de cordel, chamado por muitos de “monstro sagrado”, interpreta o espaço em que por toda sua vida esteve inserido, através de poesias, a linguagem empregada é de cunho popular, as referências associadas a diversas interpretações contidas em seus trabalhos evidenciam miséria, sofrimento, o estilo de vida sertanejo e a esperança de um povo marcado pela pobreza.

Começou sua trajetória ainda criança, apresentando-se em pequenas reuniões, e respectivamente em festas e eventos de prestígio, o pseudônimo de Patativa lhe foi dado pela comparação com a ave que expressa beleza no canto assim como ele expressava com as poesias. Casou e teve nove filhos, a esposa chamava-se Belinha.

Quando eu ouvi alguém ler um folheto de cordel pela primeira vez, aí eu fiquei admirado com aquilo, mas no mesmo instante, eu pude saber que eu também poderia dizer em versos qualquer coisa que eu quisesse que eu visse que eu sentisse, não é? Comecei a fazer versinhos desde aquele tempo. Sim, a partir do cordel. Porque eu vi o que era mesmo poesia. Aí dali comecei a fazer versos. Em todos os sentidos. Com diferença dos outros poetas, porque os outros poetas fazem é escrever. E eu não. Eu faço é pensar e deixo aqui na minha memória. Tudo o que eu tenho, fazia métrica de ouvido. [...] A base era a rima e a medida. A medida do verso, com rima, tudo direitinho. Aí quando eu peguei o livro de versificação de Olavo Bilac e Guimarães Passos, aí eu melhorei muito mais. Eu já tinha de ouvido, porque já nasci com o dom, não é? (Santos, p. 29, *apud* ASSARÉ, 2004, p.39).

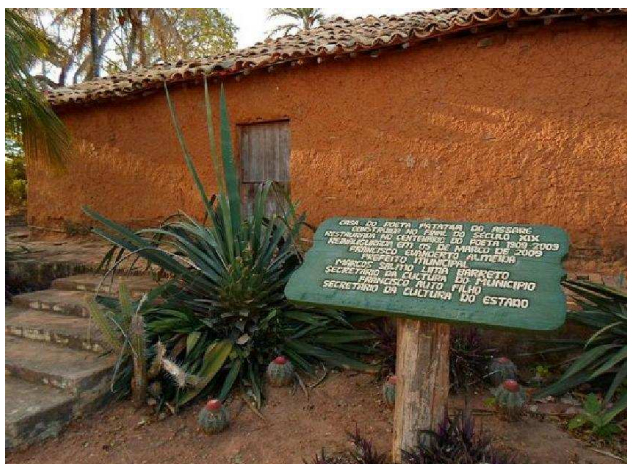
Diante do exposto acima citado, nota-se a importância da oralidade no decorrer da trajetória de Patativa do Assaré, a forte marca expressiva nos poemas deixa claro que a fala é tão importante quanto a escrita. Elenão se limitava às condições que a vida lhe impôs, pelo contrário, fez delas degraus para realizar-se, é notório a intimidade dele com a poesia.

A relevante importância de Patativa para a cultura popular brasileira expõe-se nas marcas poéticas manifestadas através da espontaneidade e riqueza artística encontradas em suas obras. Patativa sempre deixou claro que “mesmo quando cantava ao som da viola não fazia profissão. *Eu não era mais do que um agricultor*”(ASSARÉ, p. 23).

Sua sensibilidade foi capaz de expor na mais singela plenitude a vida do homem sertanejo. Em todas as poesias ele encontrava meios de deixar inquietações, possibilidades, liberdade e aprendizagem para toda a vida. Mesmo sem domínio da norma culta, com fortes marcas de oralidade, seus poemas atravessaram gerações, alcançando todo o Brasil e também outros países. Por diversas vezes foi reconhecido, varias homenagens lhe foram concedidas.

Hoje em dia, a antiga casa, onde passou maior parte da vida, transformou-se numa espécie de museu, localizada a 18 km de Assaré, guarda objetos, inclusive as ferramentas de trabalho mantendo viva a história dele. No entanto a trajetória neste mundo teve fim em 8 de julho de 2002, aos 93 anos de idade, enfim, o Brasil perde um dos maiores poetas populares dos últimos tempos. A seguir, imagem da antiga casa.

Figura 6: Casa de Patativa do Assaré



Fonte: <https://visiteassare.wordpress.com/2013/11/19/casa-do-poeta-na-serra-de-santana/>

De acordo com informações da Universidade Patativa do Assaré (UPA) a casa foi construída no século XIX, hoje considerada como parte do patrimônio histórico cultural do município, a antiga residência de Antônio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré), atualmente funciona como museu. Ainda sobre informações da UPA, lê-se que:

“ ...em 1998 a entidade fechou uma parceria com o governo municipal e estadual para comprar, reformar e instalar num sobrado do século XVII, um museu que expusesse a vida e a obra do filho mais ilustre da cidade, Patativa do Assaré. Em 05 de março de 1999 foi então inaugurado o Memorial Patativa do Assaré, que possuem mais de 1.200 peças no seu acervo”.

Além da casa onde nasceu e viveu Patativa do Assaré, um museu foi aberto ao público apreciador do poeta e da cultura, para maior valorização e divulgação das obras.

Figura 7: Patativa do Assaréfrente à casa onde morava.



Fonte: <https://visiteassare.wordpress.com/2013/11/19/casa-do-poeta-na-serra-de-santana/>

Apaixonado pela vida, nunca negou as origens, a imagem acima evidencia a importância que teve o lugar onde ele morava, o prazer de estar em constante harmonia não somente com a casa mas também com as pessoas com quem sempre conviveu enaltece ainda mais o artista que ele era. Diante de tanta pobreza e constante seca, floresciam belas poesias em seu coração, que marcaram época e ultrapassam gerações.

3.1 Algumas poesias que retratam a vida de Patativa do Assaré

Antônio Gonçalves da Silva, conhecido popularmente como Patativa do Assaré, sempre buscou através da poesia retratar a cultura, a vida do povo nordestino, e o cotidiano das pessoas que o cercavam, também trazia à tona vários fatos políticos e questões sociais. A valorização da poesia nordestina rompeu barreiras e alcançou prestígio com o jeito espontâneo e caipira exposto nos versos de Patativa. Vejamos a seguir um dos poemas onde ele descreve o poeta nordestino:

O POETA DA ROÇA

Sou fio das mata, canto da mão grossa,
Trabáio na roça, de inverno e de estio.
A minha chupana é tapada de barro,

Só fumo cigarro de paia de mio.

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De argummenestré, ou errante canto
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amo.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça
Nas pobrepaioça, da serra do sertão.

Só canto o buliço da vida apertada,
Da lida pesada, das roça e dos eito.
E às vez, recordando a feliz mocidade,
Canto uma sodade que mora em meu peito.

Eu canto o cabôco com suas caçada,
Nas noiteasssomburada que tudo apavora,
Por dentro da mata, com tanta corage
Topando as visage chamada caipora.

Eu canto o vaquêro vestido de côro,
Brigando com o tôro no mato fechado,
Que pega na ponta do brabo novio,
Ganhando lugio do dono do gado.

Eu canto o mendigo de sujo farrapo,

Coberto de trapo e mochila na mão,
Que chora pedindo o socorro dos home,
E tomba de fome, sem casa e sem pão.

E assim, sem cobiça dos cofre luzente,
Eu vivo contente e feliz com a sorte,
Morando no campo, sem vê a cidade,
Cantando as verdade das coisa do Norte.
(ASSARÉ, 2012, p. 20).

Nesse poema constrói-se a representação do poeta da roça, em especial a de Patativa, bem como suas vivências, à medida em que se ler, as características e costumes possibilitam ao leitor uma visão nítida do cenário habitado por ele. Os relatos obtidos a partir da leitura do poema demonstra a sensibilidade dele diante da realidade ocasionada por diversos fatores social, histórico, político e cultural.

A vida no sertão nordestino sempre foi marcada pela fome, seca e miséria, as condições desfavoráveis para a sobrevivência humana estão fortemente ligadas à ausência de chuvas e desigualdade social. Logo percebe-se que a falta de água é fator determinante para que o sertão vire refém da pobreza. Embora seja de clima árido e baixo rendimento pecuário, o poeta nordestino enobrece-o de cores e encantos, é tanta beleza e mistério que num trecho do poema “Eu e o sertão” de Patativa, torna-se improvável a real visão do cenário precedente. Abaixo lemos um fragmento:

Tu é belo e é importante,
Tudo teu é naturá
Igualmente o diamante,
Ante de argüem lapidá.
Deste jeito é que te quero,
Munto te estimo e venero,
Vivendo assim afastado
Da vaidade, do orguio,
Guerra, questão e baruío
Do mundo civilizado.

(ASSARÉ,2012,p22).

Diante da desigualdade social presente na vida do povo nordestino, Patativa usou a poesia como instrumento de denúncia para divulgar as adversidades existentes da época. Transcrever o mundo em que vivia não foi difícil visto que a cada estrofe que compunha parte da vida dele fazia-se presente convertendo-sena oportunidade que teve de reconstruir o sertão possibilitando um olhar sobre a realidade individual do homem.

Ele o fez através de uma linguagem regionalista que possibilita ao leitor/ouvinte identificar a variedade linguística descrita em cada verso. No entanto, mesmo com a diversidade cultural expressa nos versos, Patativa do Assaré conseguiu representar o nordeste. Abaixo temos um fragmento do poema “Vida Sertaneja” onde a condição humana é reproduzida :

Sou matuto sertanejo,
Daquele matuto pobre
Que não tem gado nem quêjo,
Nem oro, prata, nem cobre.
Sou sertanejo rocêro,
Eu trabaio o dia intêro,
Que seja inverno ou verão.
Minhas mão é calejada,
Minha peia é bronzeada
Da quintura do sertão.
(ASSARÉ, 2012, P. 75)

Ele sempre deixou claro a condição de vida em que estava inserido, apesar da poesia caracterizar-se como principal atividade , o trabalho na roça sempre esteve presente sendo motivo de orgulho. A preocupação em descrever o cotidiano fica explícita no fragmento acima.

Marcado por incertezas em relação ao futuro político brasileiro, também conhecido como o porta voz do sertão, Patativa deu grande contribuição no que diz respeito ao desejo pelo porvir da nação, ao contrario do que muitos pensam, ele também tinha uma visão construída sobre a sociedade, e seus governantes, no poema “ Eu quero” o desejo de mudança fica evidente. Abaixo lemos:

EU QUERO

Quero um chefe brasileiro
Fiel, firme e justiceiro
Capaz de nos proteger,
Que do campo até à rua
O povo todo possua
O direito de viver.

Quero paz e liberdade,
Sossego e fraternidade
Na nossa pátria natal
Desde a cidade ao deserto,
Quero o operário liberto,
Da exploração patronal.

Quero ver do Sul ao Norte
O nosso caboclo forte
Trocar a casa de palha
Por confortável guarida,
Quero a terra dividida
Para quem nela trabalha.

Eu quero o agregado isento
Do terrível sofrimento,
Do maldito cativo,
Quero ver o meu país

Rico, ditoso e feliz,
Livre do jugo estrangeiro.

Abem do nosso progresso,
Quero o apoio do congresso
Sobre uma reforma agrária
Que venha por sua vez
Libertar o camponês
Da situação precária.

Finalmente, meus senhores,
Quero ouvir entre os primores
Debaixo do céu de anil,
As mais sonoras notas
Dos cantos dos patriotas
Cantando a paz do Brasil.

A partir desse poema compreende-se a visão política de Patativa, a relação com os movimentos sociais a mensagem defendida mostrando o ponto de vista dele. Sempre defendendo os injustiçados e lutando por um futuro melhor, não só para eles também para a nação brasileira.

4. A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLINGÜÍSTICA PARA A VALORIZAÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL.

Uma das principais características do povo nordestino é sem dúvida a fala, estigmatizados pelo modo único de falar, são constantemente discriminados e excluídos pela sociedade que considera-se culta e privilegiada pelo uso da norma padrão da língua. Desse modo, percebe-se a necessidade de abordar sobre os estudos linguísticos de forma teórica, uma vez que:

“Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima”. (Introd. à Sociolinguística; pág.13).

Um dos principais objetivos da sociolinguística é investigar o uso da língua no contexto histórico e grupal como forma de engajamento, diante da diversidade cultural predominante em nosso país. De acordo com a transformação social de cada grupo, seus costumes e dialetos podem sofrer variações, contudo a partir do momento em que o indivíduo se integra a determinado grupo, passa a compartilhar também da linguagem ali utilizada.

O nível de comunicação vai depender do grau de estudo de cada um, do ambiente e da posição social em que estão inseridos, no entanto esse contraste faz-se necessário para que a identidade dos falantes seja preservada.

O indivíduo internaliza as regras da variedade linguística através da convivência, também dispõe de competência para se comunicar através da língua materna, mas vai haver momentos em que será necessário a adequação à variedade culta, todavia é preciso levar em conta a necessidade da norma culta enquanto meio de comunicação. De acordo com Stella Maris lemos:

“À medida que os indivíduos vão desempenhando ações sociais mais diversificadas e complexas, para além do domínio da família e da vizinhança mais próxima, eles têm de atender a normas vigentes nos novos domínios de interação social que passam a frequentar”. (Maris, 2004, pág. 75).

A língua enquanto meio de comunicação passa por mudanças, principalmente quando trata-se do contexto histórico em que está vinculada, é evidente que com o passar do tempo novos dialetos surgem, mas isso não é fator determinante para que a origem daquele dialeto desapareça. Stella Maris também aborda que:

“Em toda comunidade de fala onde convivem falantes de diversas variedades linguísticas, como é o caso das grandes metrópoles brasileiras, os falantes que são detentores de maior poder – e por isso gozam de mais prestígio – transferem esse prestígio para a variedade linguística que falam. Assim as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais”. (Maris, 2004, pág. 33, 34.).

Isso acontece não só no Brasil, o preconceito linguístico assim como os demais, pode manifestar-se em toda esfera terrestre, de forma geral pode-se afirmar que os grupos menos favorecidos em questão econômica e social são os mais afetados.

O grau de escolaridade também é fator determinante para que o preconceito linguístico dê-se na sociedade. Sabe-se que o Brasil assim como outros países ainda luta contra o analfabetismo, esse fato cria um abismo entre as camadas sociais, visto que muitas vezes os falantes de variedades linguísticas estigmatizadas não conseguem inserir-se na sociedade, ou até mesmo em determinado ambiente de trabalho por falta de instrução que na maioria das vezes poderia ter adquirido no âmbito escolar. Marcos Bagno afirma que:

“...O domínio da norma-padrão de nada vai servir a uma pessoa que não tenha todos os dentes, que não tenha casa decente para morar, água encanada, luz elétrica e rede de esgoto. O domínio da norma-padrão de nada vai servir a uma pessoa que não tenha acesso às tecnologias modernas, aos avanços da medicina, aos empregos bem remunerados, à participação ativa e consciente nas decisões políticas que afetam sua vida e a de seus concidadãos”. (Bagno, 1999, pág. 90).

Diante de tais afirmações, é possível dizer que a posição social é um dos principais fatores para que o preconceito linguístico seja cada vez mais predominante nas camadas elitizadas. Desse modo a grande maioria dos brasileiros que não são adeptos da norma culta padrão, não por vontade própria mas por fatores socioeconômicos, sofrem o preconceito linguístico.

Constantemente a língua portuguesa é unificada , e abrir lacunas em relação a visão explanada revela-nos uma questão que vai muito além da fala, entrando no campo social.

A literatura de cordel expressa a realidade, quando transcreve na poesia a variação nordestina, que pode também ser entendida como marcas de oralidade representadas através de personagens, momentos ou até mesmo objetos.

4.1 A variedade linguística do povo nordestino representada na obra “CANTE LÁ QUE EU CANTO CÁ”.

Diante da representatividade linguística inserida na obra “Cante lá que eu canto cá” percebe-se um processo de interação entre o autor e o texto diretamente ligado com a cultura nordestina. A necessidade de informação mostra quão poderosa pode ser a comunicação entre os falantes, de acordo com Bagno (2007) “ a variação ocorre em todos os níveis da língua”. Diante dessa afirmação é válido afirmar que Patativa ao representar a variedade linguística pontuou os recursos construídos através da escrita expondo as marcas de oralidade do povo nordestino em seus versos.

Nos inúmeros poemas, o autor deixa claro a necessidade de alcançar a sociedade não elitizada e expressar a realidade.

Como sua preocupação maior era comunicar em versos o que ele entendia como “verdade” e, sabendo da existência de dois padrões centrais de linguagem: a popular e a erudita, Patativa passou a estudar as duas, a fim de detectar-lhes as diferenças e, a partir delas, encontrar as igualdades. (FEITOSA, 2003, p.210).

Desta maneira ao analisarmos as poesias de Patativa, imediatamente as rimas e os recursos utilizados evidenciam a veracidade de que foram feitas principalmente para serem ouvidas, isto é, o principal foco era atingir a elite e valorizar o sertanejo que na maioria das vezes é desprovido de estudos.

No decorrer da carreira como poeta, ele fez várias denúncias sociais, no entanto sempre buscou resgatar a esperança nos corações alcançados por suas poesias. É sabido que o cenário onde viveu foi a região nordestina, e que todas as mudanças relacionadas às manifestações artísticas foram favoráveis à transmissão da literatura.

Avalorização da cultura e seus códigos em “Cante lá que eu canto cá”, estabelece um estado de mudança frente ao cenário literário. Tanto o vocabulário quanto a forma ritmada revelam relações sociais, questões políticas, e uma gama de rupturas relacionadas à literatura de cordel enquanto meio de comunicação. Ele sabia o que a poesia provocaria na vida dos leitores e/ ou ouvintes, referindo-se à voz do sertanejo à medida em que compunha.

Todos os desejos e vivências de Patativa do Assaré podem ser captados em suas narrativas, o imaginário e o real sempre andaram juntos numa dimensão extraordinária ampliando possibilidades e intensificando o caráter popular através da poesia. A maneira expressiva que o poeta utilizou para escrever a obra “Cante lá que eu canto cá” não compromete a compreensão, o nível linguístico dialoga com o cotidiano percorrendo todas as camadas sociais. Apoiando-se nas práticas de linguagem, e posteriormente na necessidade de comunicação.

6 CONCLUSÃO

Em virtude do que foi mencionado no decorrer desse trabalho, buscou-se explicar a importância da linguagem e da literatura de cordel como meio de informação e comunicação das massas populares, em especial a nordestina, servindo de fonte para que a interação entre dois ou mais indivíduos aconteça, uma das formas de defender esse ponto de vista é valorizar a variedade lingüística como fator fundamental na construção do homem.

A literatura de cordel usada como principal fonte de investigação no que diz respeito a cultura e o linguajar popular, serviu de alicerce para a realização das propostas aqui abordadas.

Por intermédio das manifestações do poeta Patativa do Assaré tornou-se possível compreender a importância da língua materna e da literatura de cordel para a construção do indivíduo e a capacidade de produzir conhecimento e significado partindo da leitura internalizada por se tratar de um problema visivelmente de origem lingüística, tendo em vista a desvalorização do dialeto nordestino.

Observou-se também através dessa pesquisa que várias possibilidades de aceitação em relação à variedade da língua são possíveis, e isso deu-se em virtude da busca pela riqueza de significados que Patativa do Assaré por meio de seus versos destacou no jeito matuto do nordestino falar, na obra “Cante lá que eu canto cá”.

A valorização do meio de comunicação do povo, as peculiaridades e afinidades com a literatura de cordel juntamente com as obras trabalhadas proporcionaram uma visão ampla e ao mesmo tempo singular do que é o preconceito lingüístico e de como lidar com ele dentro e fora do contexto literário.

Desse modo, faz-se necessário apresentar outras abordagens relacionadas não só ao preconceito lingüístico, mas a qualquer tentativa de rejeição que exponham questões socioculturais que reprimem não só o modo de falar, mas também a realidade de cada indivíduo.

Propor meios para potencializar as raízes culturais e manter viva a tradição dos folhetos de cordel, fazendo uma troca de informações entre o real e o imaginário, abrindo um leque de possibilidades num mundo globalizado e dominado pelas mídias.

Dado o exposto, vale ressaltar que esse trabalho não tem caráter conclusivo, visto que ainda há várias lacunas em aberto, e que possibilidades podem ser visivelmente

identificadas de acordo com sua relevância , no entanto pesquisas nesse contexto são necessárias para a melhoria dos indivíduos enquanto seres dotados de habilidades.

REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa. *Cante lá que eu canto cá*. 17.ed. Petrópolis/ Vozes, 2012.

MARINHO, Ana Cristina ; PINHEIRO, Helder. *O Cordel no cotidiano escolar*. São Paulo : Cortez, 2012.

BORTONE-RICARDO, S.M. *Educação em língua materna*. 6 ed. São Paulo / Parábola Editorial, 2004.

MOLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs). (2012): *Introdução à sociolinguística: O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2012.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico*. São Paulo: Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

RAMOS, Graciliano, 1892 – 1953. *Vidas Secas* posfácio de Álvaro Lins, ilustrações de Aldemir Martins- 93ª ed. – Rio, São Paulo: Record, 2004.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro. Zahar, 1986.

SILVA, Raimundo José. <https://lume.ufrgs.br>. Acesso em 29/04/2020.

COSTELLA, Antônio F. *Xilogravuras: manual prático*. Editora Mantiqueira, 2003, Campos do Jordão SP.

FEITOSA, Luíz Tadeu. *Patativa do Assaré: A trajetória de um canto*. São Paulo: Escrituras editora, 2003.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

<https://www.estudopratico.com.br/literatura-de-cordel>.

<https://jeffcelophane.wordpress.com.br>. Acesso em 13/05/2020.

FERREIRA, Giselia da Silva. <https://www.cfp.ufcg.edu.br>. Acesso em 11/04/2020.

J. Borges. In: ENCICLOPEDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em :<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/> pessoa88borges>. Acesso em: 25 de junho. 2020. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

TEIXEIRA, Larissa. Literatura de Cordel no Brasil – UniCEUB. <https://www.repositorio.uniceub.br>. Acesso em 26/04/2020.

<http://secultassare.wordpress.com/equipamentos-culturais/memorial-patativa-do-assare/>. Acesso em 18/10/2020.

<https://dspace.sti.ufcg.edu.br> Mônica Raquel Fernandes Santos 2016. Acesso em 21/05/2020.